

Crónica do Pássaro de Corda de Haruki Murakami¹⁴³

Recensão

Dalila Lopes

Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto

Portugal

dalop@iscap.ipp.pt

Sabia que o japonês escrito usa uma combinação de três escritas: ideogramas chineses (*kanji*) e dois sistemas alfabéticos baseados em sílabas (*hiragana* e *katakana*)? Sabia que no Japão os bairros estão divididos em quarteirões formando blocos numerados em que o primeiro número indica a prefeitura, o segundo o quarteirão principal, o terceiro um bloco de edifícios mais pequeno e o quarto o número do edifício? Sabia que a *Ginkgo biloba*, uma planta muito utilizada na medicina alternativa, não só no oriente, mas também, e cada vez mais, no ocidente, pelas suas propriedades regenerativas, despertou o interesse dos investigadores após a 2ª Guerra Mundial por ter sobrevivido às radiações em Hiroxima? Sabia ainda que no Japão os anos não são apenas contados segundo calendário gregoriano, mas subdivididos em períodos que correspondem aos anos do reinado de um imperador, pelo que estamos actualmente no período Heisei? Isto e muito mais sobre aspectos da cultura japonesa ficará a saber através da leitura de *Crónica do Pássaro de Corda* de Haruki Murakami, sobretudo através das detalhadas notas de rodapé da tradução portuguesa de Maria João Lourenço.

Mas passemos ao romance em si. Tal como em *Kafka à Beira-Mar*, também aqui há várias linhas narrativas que só no final se unem numa só. Porém, em *Crónica do Pássaro de Corda*, percebe-se logo de início que há uma linha predominante, a história de Toru Okada, e da sua desesperante procura por Kumiko, a esposa que desaparece, ou melhor, que foge de casa, sem que Toru Okada perceba porquê. Esta linha desenvolve-se não tanto à custa dos esforços por parte de Okada para encontrar a esposa desaparecida, mas mais à custa de uma espécie de viagem interior à procura de razões ou de explicações para a fuga de Kumiko; uma vez encontradas estas, Kumiko poderá ser encontrada.

¹⁴³ Haruki Murakami, 2ª edição 2007, *Crónica do Pássaro de Corda*, tr. Maria João Lourenço, Lisboa: Casa das Letras.

Lateralmente, ou nem tanto assim, prosseguem outras linhas narrativas: os relatos do tenente Mamiya sobre a Guerra da Manchúria e o estado-fantoches de Manchukuo; as histórias bizarras de Malta Kano e Creta Kano, a história misteriosa de Noz-moscada Akasaka e do seu filho Canela Akasaka e ainda a de May Kasahara, vizinha de Toru Okada, com quem este mantém conversas aparentemente fúteis mas que se revelam bem mais profundas do que aparentam ser. Os nomes Malta, Creta, Noz-moscada e Canela são nomes fictícios pelos quais estas personagens se dão a conhecer a Toru Okada, tal como fictícias – porque bizarras e misteriosas – parecem ser as histórias que relatam a Okada. No que toca a estas personagens, parece haver assim uma ficção dentro da ficção, mas isso não é novidade nos romances de Murakami. Particularmente interessante em *Crónica do Pássaro de Corda* é, na minha opinião, a personagem de Noburu Wataya, irmão de Kumiko, um economista de enorme sucesso académico e mediático, que é tratado pelo autor como um verdadeiro pastiche¹⁴⁴, o que é uma novidade na obra de Murakami.

Pontuado aqui e ali por referências musicais, sobretudo jazzísticas – um fetiche de Murakami -, *Crónica do Pássaro de Corda* não se me afigura como “um fantástico cruzamento entre Woody Allen e Franz Kafka” tal como refere a crítica de *The Observer*: de Woody Allen, quanto a mim, nada tem, e de Franz Kafka, bem vistas as coisas, também não. E se quisermos procurar aqui influências ou analogias, talvez seja possível detectar um pouco de Paul Auster, sobretudo da personagem principal de *Moon Palace*, particularmente no que diz respeito às purgações (patentes no Livro III, a partir da página 359), ao ensimesmamento (as idas de Toru Okada para o fundo do poço da casa abandonada) e a uma aparente *no action option* (desempregado, sem Kumiko e praticamente sem dinheiro, Toru Okada pura e simplesmente nada faz, apenas aguarda que as coisas aconteçam).

Embora, a meu ver, este não seja um romance tão bem conseguido como *Kafka à Beira-Mar*, Murakami tem sempre a capacidade de criar na sua ficção uma atmosfera muito própria, que torna sua leitura, numa palavra, viciante.

¹⁴⁴ Uso aqui o termo ‘pastiche’, na acepção que lhe é dada por Fredric Jameson (*The Cultural Turn*, London/New York: Verso, 1998:p.5), por oposição à acepção do termo ‘paródia’ (parody).